

## PALAVRAS CIGANAS

*Nicolas Ramanush Leite*

### SÍNTESE HISTÓRICA DO ROMANI\*:

O Romani é uma língua indo-europeia do ramo indo-ariana (ao qual pertencem, o Sânscrito, o Pali, e outras línguas indianas modernas, como Hindi, Punjabi, Bengali, Nepali...) e é falada na Europa desde o século XII.

Desde o século XVIII os linguistas descobriram uma estreita relação entre o Romani e as línguas da Índia. Principalmente entre o Rajastani e o Hindi.

Exemplo: (Hindi) “rupias” = dinheiro

(Romani) rupuno = prata

(Hindi) zhal = vá

(Romani) zha = vá

### ROMANI, UMA LÍNGUA NÃO TERRITORIAL

O Romani esteve em contato com diferentes línguas: persa, armenia, grega, romena, entre tantas outras. Na Europa, o Romani se fragmentou em diversos dialetos que são classificados em quatro grandes grupos:

- Dialetos balcânicos (sudeste);
- Dialetos centrais;
- Dialetos do norte;
- Dialetos Vlax (leste).

A fragmentação territorial e diversidade dialetal fizeram do Romani uma das poucas línguas faladas por todo o mundo: América, China, Austrália, Europa e África. Mas também, impediram que o Romani fosse normatizado.

(\*) Idioma não territorial pertencente aos grupos étnicos chamados genericamente de ciganos.

## A ORALIDADE NO ROMANI

Nesse tipo de comunicação, o suporte da transmissão de experiência de A a B é a **fala**. Portanto, as lendas e os mitos representam o conteúdo realmente tradicional, enquanto a nossa história de povo cigano é marcada pela efemeridade das palavras ditas.

## A ESCRITA DO ROMANI

Esse tipo de comunicação desencadeia as três consequências seguintes:

- a palavra se separa da pessoa;
- o passado é separado do presente;
- a palavra se materializa, torna-se objeto do olhar, e possível de “produzir” por meio da escrita e “conservar” através da leitura.

A língua se torna um objeto exterior que se pode analisar.

**A estrutura oracional do Romani** segue o critério de **SVO** (sujeito, verbo, objeto), por exemplo: “**Me piav o mol tati**” = Eu bebo vinho quente.

O qualificativo

Adjetivo + substantivo (predominante no enunciado lógico)

noite escura = “kali riat”

rapaz bom = “lacho shavo”

menina bonita = “shukar shei”

E o mesmo ocorre quando a ênfase é dada ao qualificativo:

escura noite = “kali riat”

bom rapaz = “lacho shavo”

bonita menina “shukar shei”

## VALORIZAÇÃO DE LÍNGUA MINORITÁRIA



Os três grupos étnicos, chamados de ciganos no Brasil são:

- os Calon (cerca de 500 mil);
- os Rom (cerca de 300 mil);
- os Sinte (poucas famílias).

Mapa Linguístico do Romani no Brasil

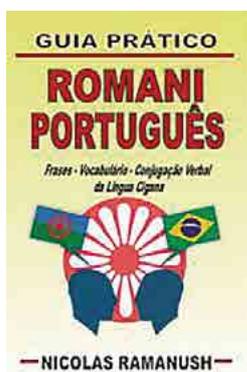




Lançado em 2009, este livro com 210 páginas apresenta vocabulário básico e uma proposta gramatical para o dialeto Romani-Sintze. É o primeiro livro do gênero a ser editado na América Latina.



Lançado em 2011, durante nossa participação no Seminário Internacional de Cultura Cigana, em Valência, Espanha. Este livro apresenta uma análise diacrônica entre o dialeto Caló, falado por ciganos espanhóis e o dialeto Calon, falado por ciganos brasileiros. Disponibilizado no Google livros.



Lançado em agosto 2014, com 387 páginas, este livro apresenta uma breve explicação histórica sobre origem e desenvolvimento do Romani, além de ser o único no mundo a apresentar conjugação verbal.



[www.embaixadacigana.org.br](http://www.embaixadacigana.org.br)

Docente da  
Universidade  
Tecnológica  
Federal do  
Paraná Campus  
Londrina e  
discente do curso  
de mestrado em  
Educação Escolar  
– Universidade  
Estadual Paulista  
Júlio de Mesquita  
Filho – Unesp  
Araraquara.  
E-mail: robert\_  
alves@hotmail.  
com

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Meu nome é ROBERTO ANTONIO AVES e vou apresentar um breve relato de minha trajetória de vida e de como cheguei ao momento atual.*

*Roberto Antonio Alves*

Fiquei surdo antes de completar um ano de idade devido ao uso de antibióticos. A minha família se preocupava porque eu não falava até os 3 anos de idade, levaram-me a um médico em São Paulo para saber o diagnóstico: a surdez. O médico orientou para que me colocassem numa escola especial para surdos e a fazer o treinamento especial de fala com uma professora particular.

Como éramos do interior do Paraná – Cruzeiro do Oeste – mudamos para Londrina para eu poder estudar numa escola de surdos, chamada Instituto Londrinense de Educação de Surdos, atualmente, denominado Colégio Estadual do Instituto Londrinense de Educação dos Surdos – ILES.

O ILES não me aceitou por possuir apenas 3 anos de idade e o limite era a partir dos 7 anos. Então, me colocaram numa escola para crianças com dificuldades de aprendizagem, onde recebi estímulos precoces, aprendi a escrever e a ler, fazer contas de aritmética, desenhos, pintura, além de receber treinamento de fala.

A minha infância foi repleta de atenções, estimulação precoce e oralismo puro. Aos 7 anos de idade, ingressei-me no ILES, em que estudei da 1ª até a 5ª série do ensino fundamental. Foi lá que eu aprendi a usar os primeiros sinais de comunicação com os colegas surdos.

Antes de prosseguir com o meu relato, gostaria de falar um pouco sobre como surgiu o ILES.

Em 1959, a dona Rosalina Franciscon, diretora do Colégio Estadual Marcelino Champagnat emprestou duas salas para a realização de aulas especiais com alunos surdos. A partir daí, fundou-se o ILES. Como aumentou a procura de inclusão de mais alunos surdos, a d. Rosalina e o sr. Odécio Franciscon compraram um terreno nas proximidades do Aeroporto, começaram a construir o prédio do ILES por meio de doativos de parentes e de órgãos públicos. A obra do prédio do ILES foi concluída em 1970.

Saindo do ILES, já estava entrando na minha pré-adolescência, ingressei-me no Colégio Marista para complementar o curso fundamental e o colegial, convivendo com os colegas ouvintes.

Na fase da minha juventude, passei no primeiro vestibular de matemática na Universidade Estadual de Londrina (UEL), depois do primeiro semestre, acabei desistindo porque não me identifiquei como professor de matemática. Então fui ingressar no curso de graduação de arquitetura e urbanismo, pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina, concluindo em 1988. Apesar das dificuldades de comunicação e de entender os conteúdos de algumas matérias, naquela época não havia intérprete de Libras para me auxiliar no curso, reprovei em algumas matérias e atrasei uns 3 anos e meio para me formar.

Minha vida acadêmica foi difícil com o meu ingresso em escola do ensino regular comum porque, naquela época, os professores não tinham preparação de como lidar com um aluno surdo junto com os 39 alunos ouvintes, então passaram a me tratar como um deles. A minha luta começou quando percebi que precisaria me adaptar a esse novo meio, então sentava na primeira carteira para acompanhar a leitura labial dos professores. Em casa, arregacei as mangas para pegar os livros para me concentrar na leitura, procurando compreender o conteúdo das matérias.

Como eu já tinha aprendido o oralismo puro, comunicava pela língua oral com as pessoas. Na minha infância, antes de aprender a falar, usava apontamentos e gestos para me comunicar com a minha família. No ILES, foi por meio do convívio dos colegas surdos que aprendi a utilizar a língua de sinais, para me comunicar com eles. A partir dos 18 anos de idade, comecei a frequentar as comunidades surdas tais como a Associação dos Surdos de Londrina e a Pastoral dos Surdos de Londrina. Desde então, fui me aperfeiçoando no domínio da língua de sinais.

Em 1993, passei no concurso público da Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL) e fui nomeado como funcionário público da mesma, onde exercia a função de auxiliar de cadastro na área de engenharia e projeto em Londrina, Paraná.

Naquela época houve muita procura para eu dar aula de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Fiquei apaixonado e me interessei muito nessa área de Educação pelo fato de ministrar aulas de LIBRAS. Acabei me tornando

como instrutor de LIBRAS pelo convite do ILES para fazer este tipo de trabalho durante 5 anos para os alunos surdos do Ensino Médio.

Desde então, fui participar em vários Seminários e Congressos. Inclusive recebendo vários convites para ministrar aulas de LIBRAS nos finais de semana para as turmas de Pós-graduação nas diversas localidades diferentes.

Foi este trabalho que me incentivou a fazer o curso de graduação do Programa Especial de Formação Pedagógica em Letras/Língua Portuguesa e pós-graduação em Metodologia da Ação Docente e também em Educação Bilíngue para Surdos – Libras/Língua Portuguesa, com o objetivo de aperfeiçoar as minhas habilidades profissionais.

A minha formação superior é Arquitetura e Urbanismo e Programa Especial de Formação Pedagógica em Letras/Língua Portuguesa. Pós-graduação em Metodologia da Ação Docente e em Educação Bilíngue para Surdos – Libras/Língua Portuguesa.

Atualmente, as universidades estão oferecendo curso de pós-graduação de Educação Especial na área de Surdez, possuindo a disciplina de Libras, dando oportunidades aos professores surdos para lecionarem a mesma.

Em 2007, fui aprovado no Exame Nacional de Certificação de Proficiência no uso e no ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), nível superior, pelo MEC/UFSC

Em 2009, recebi o convite da União do Norte do Paraná (UNOPAR) para atuar como Professor de Libras para as turmas do curso de Pedagogia, Educação Física, Química e Letras.

Em 2012, passei no concurso público da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), fui nomeado como Professor de Magistério Superior da mesma e acabei saindo da UNOPAR e da COPEL, para ministrar aulas de Libras para as turmas do curso de Licenciatura de Química, Engenharia Ambiental, Engenharia de Materiais e Tecnologia de Alimentos na UTFPR.

No segundo semestre de 2014, passei na prova do exame de seleção para o curso de Mestrado em Educação Escolar da Universidade Estadual “Julio de Mesquita Filho” (UNESP, Araraquara – SP), e estou cursando duas disciplinas obrigatórias e duas optativas. Também, fui aprovado no Exame de Proficiência em Língua Estrangeira: Espanhol, ocorrido nesse mês de outubro.

Apesar das dificuldades de compreensão durante a aula por falta de intérprete de Libras – uma vez que a Assessoria Jurídica da Reitoria da UNESP se nega a contratar, argumentando que a lei não exige intérprete em cursos de pós-graduação – procuro ser persistente e batalhar nos estudos, e graças à solidariedade dos colegas e professores, irei até o final do curso, se Deus quiser.

Sou casado com a Helaine, que também é surda e nos conhecemos na Escola do ILES. Namoramos e casamos em 1983, tivemos um casal de filhos, a primeira se chama Caroline e o segundo Thiago. Os dois são bilíngues por conviver com as duas línguas: LIBRAS e a Língua Portuguesa.

Hoje percebo quanto foi grande o sacrifício que meus pais fizeram para que eu tivesse uma boa educação e preparação para entrar na vida adulta, e me integrar na vida social a fim de me tornar um bom cidadão. Foi por eles que eu adquiri o espírito de luta.